

# **AGRICULTURA FAMILIAR E A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE: O EXEMPLO DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA NO MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE (SC)<sup>1</sup>**

MsC.Josane Moreira de Costa<sup>2</sup>

Dra. Walquíria Krüger Corrêa<sup>3</sup>

## **Resumo:**

Nos últimos anos acentuou-se a preocupação com a preservação do meio ambiente e com a qualidade de vida no planeta. Desta preocupação surgiu o conceito de desenvolvimento sustentável, sendo que a agricultura incorporou este termo. A agricultura familiar imersa numa crise sócio-econômica e ambiental decorrente da modernização tecnológica, tornou-se alvo do desenvolvimento sustentável e a agroecologia surgiu como principal alternativa, com adeptos em vários locais no território brasileiro, entre eles o município de Praia Grande, localizado no Sul de Santa Catarina. . Esta pesquisa teve como objetivo analisar a organização da agricultura familiar no município de Praia Grande, focalizando em especial a agroecologia como modelo alternativo de produção, associando ao conceito de desenvolvimento sustentável.

**Palavras-chave:** agroecologia, desenvolvimento sustentável, agricultura familiar.

## **Abstract**

In the late the worry about environment preservation and about quality of life on the Earth. From this worry emerges the sustained development concept , and

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da minha dissertação de mestrado de mesmo título. Também é fruto de outro trabalho aprovado em 2001 e que aguarda publicação na Revista de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

<sup>2</sup> Mestre em Geografia pela UFSC em 2000. Endereço postal: Rua Dolário dos Santos, 250, bloco B, apto 601, centro, Criciúma – SC, CEP 88802-080. Fone: (0XX48)433-4617, celular: 9904-6680. Email: [aczcosta@terra.com.br](mailto:aczcosta@terra.com.br).

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC.

after that the agriculture incorporates this concept. The familiar agriculture submerged in a social-economic and environmental crisis originates from the modern technology and the familiar agriculture changed in a target of the sustained development and the agricultural ecology appeared as the main alternative with adepts from several places from Brazilian territory, and among them the municipal district of Praia Grande (SC). This research aims to analyse the familiar agriculture organization from Praia Grande, to focus in particular the agriculture ecology as alternative model of production, associated to the sustained development concept.

## **Introdução**

Nas últimas décadas, a sociedade mundial, em graus diversos, passou a preocupar-se com o desenvolvimento sustentável. Esta questão ganhou força quando se firmou a consciência que o nível de poluição e degradação ambiental era provocado pelas atividades econômicas desenvolvidas pelo homem.

A partir daí os estudiosos começaram a discutir várias formas de desenvolvimento sustentável associando indicadores econômicos, ambiental e social e como alcançá-lo em diversas atividades. Como a atividade agrícola está intimamente relacionada com o meio ambiente, os efeitos negativos da agricultura sobre este se tornaram comuns e o setor agropecuário, também incorporou o termo sustentável. Entende-se por agricultura sustentável um conjunto de técnicas produtivas consideradas “naturais”, ou seja, que prejudique o menos possível o ambiente, para que este possa se reciclar e as gerações futuras também possam utilizá-lo.

Dentro do que se espera da agricultura sustentável pode-se incluir as técnicas agroecológicas. A agroecologia consiste em produzir através de métodos tradicionais, sem a utilização de produtos químicos e sem que ocorra uma intensa mecanização, cujas práticas são prejudiciais a natureza.

Estudar as práticas agroecológicas associadas ao desenvolvimento sustentável torna-se importante e oportuno em vista das preocupações em torno da

preservação ambiental. A sociedade capitalista incorporou a idéia de “lucro financeiro”, colocando a natureza num segundo plano. Se esta não for preservada, as próximas gerações estarão condenadas a enfrentar problemas vitais e sem soluções em face das alterações ambientais no planeta.

Na agricultura, a agroecologia aparece como uma alternativa substitutiva da agricultura convencional (também conhecida como agricultura química) de atividade que visa o desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, não destrói o ambiente, promovendo a sustentabilidade. Além disso, a agroecologia também expressa uma maneira diferente de ver a vida. Mas é importante lembrar que as práticas agroecológicas não garantem, necessariamente, o desenvolvimento sustentável de quem a exerce.

A escolha do município de Praia Grande (SC) como área de investigação empírica, ocorreu após conhecer os produtores ecológicos em feiras realizadas na cidade de Criciúma (SC). O sustentáculo econômico de Praia Grande é a atividade agrícola explorada predominantemente por produtores familiares. Como em outras regiões do país, naquela área, a modernização tecnológica da agricultura, também provocou agravantes, destacando-se os sócio-econômicos, resultando em exclusão social rural. Os que persistiram na agricultura, alguns buscaram alternativas, adotando as práticas agroecológicas.

A importância de se trabalhar a agroecologia a nível de produtor familiar se dá por alguns fatores: 1º) a agroecologia requer a utilização de técnicas tradicionais em substituição aos insumos químicos, utilizadas e transmitidas pelas gerações passadas; 2º) os custos da agroecologia são menores, tornando-se mais condizentes com a realidade do produtor familiar; 3º) não prejudica o meio ambiente; 4º) requer mais mão de obra, possibilitando emprego a um número maior de pessoas.

Este trabalho teve como objetivo analisar a organização da agricultura familiar no município de Praia Grande, focalizando a agroecologia como modelo alternativo de produção, associando ao conceito de desenvolvimento sustentável.

Para alcançar os objetivos propostos, adotou-se os seguintes procedimentos metodológicos: na primeira fase, foi efetuado levantamento bibliográfico pertinente ao tema (agroecologia e desenvolvimento sustentável) e a área de pesquisa.

A segunda fase, consistiu no trabalho de campo para colher informações sobre a atividade agroecológica no município de Praia Grande. Nesta etapa, foram realizadas entrevistas com os produtores e com os técnicos da EPAGRI, que os assessoram naquelas práticas, as quais foram gravadas e posteriormente transcritas.

As entrevistas com os técnicos da EPAGRI, Maria Bernadete Perius e Rogério Dal Pont, foram feitas em duas etapas: a primeira foi em outubro de 1999, para obter informações, sobre a formação do grupo e da ACEVAM e sobre o trabalho desenvolvido na área; a segunda etapa foi em julho de 2000, para esclarecer dúvidas que surgiram no decorrer da redação do trabalho.

As oito famílias que trabalham com agroecologia no município, sete foram entrevistadas individualmente no período de janeiro e fevereiro de 2000. As perguntas semi-estruturadas versaram sobre: a) o porquê da mudança para agroecologia; b) a formação da ACEVAM (Associação dos Colonos Ecologistas do Vale do Mampituba); c) a produção: práticas e formas de comercialização; d) o significado da agroecologia.

## **1. Algumas considerações sobre agroecologia, agricultura familiar e desenvolvimento sustentável**

Nas últimas décadas a relação homem/meio ambiente tornou-se alvo de preocupação mundial e isto tem dado origem a debates, discussões e pesquisas.

Pode-se dizer que a atividade agrícola causa grande impacto ao ambiente. O uso de agrotóxicos na agricultura familiar reduz o trabalho e é uma maneira cômoda que o agricultor encontra para se ver livre das pragas e obter uma produtividade maior. A

visão dos danos causados ao meio ambiente pelos agrotóxicos não é bem nítida ou é relegada a segundo plano.

Em trabalho anterior MOREIRA (1993), já assinalava que o problema da poluição ambiental começa a se delinear a partir do momento em que se constatou a presença de resíduos químicos no ar, água e solo. Estes como consequência do grande desenvolvimento industrial e tecnológico alcançado pelo homem. Os resíduos, em contato com os seres vivos, podem causar diversos efeitos.

O homem, com suas atividades econômicas, altera de maneira muito rápida o território e, conseqüentemente, também a paisagem. RODRIGUES (1993:80), coloca que a velocidade das mudanças afetam o conceito de “renovabilidade” dos recursos naturais: *“alguns recursos que até recentemente eram considerados “renováveis” como a água, o ar, vegetação e mesmo os solos, sofrem um processo irreversível de esgotamento, poluição, destruição, tornando-se hoje recursos “não renováveis”*”.

Com o desenvolvimento do capitalismo, em nome de uma maior produção já não se respeita mais as melhores estações do ano para determinado plantio ou se o tipo de solo é o mais apropriado, pois com a tecnologia cada vez mais sofisticada, processo de produção pode ser alterado. GONÇALVES (1993:34), diz que não é mais o espaço vivido capaz de determinar o que vai ser feito nele mesmo, e sim a demanda de mercado. Com isso, altera-se a natureza, mas os agravantes só serão detectados ao longo do tempo. Nesta perspectiva, segundo ainda GONÇALVES (p.12), é a partir da questão ambiental que o qualificativo de sustentável começou a ser associado ao de desenvolvimento.

EHLERS (1996), diz que a expressão “desenvolvimento sustentável” traduz a esperança de um desenvolvimento que concilie, por muito tempo o crescimento econômico e a conservação dos recursos naturais.

As preocupações com a “agricultura sustentável” decorrem da insatisfação da agricultura industrial, praticada com base nos princípios da “Revolução Verde”. Neste modelo “milagroso”, estavam embutidos pacotes tecnológicos caracterizados pelo emprego de maquinários, insumos químicos (fertilizantes e agrotóxicos),

variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, sistemas de irrigação, dentre outros.

Em meados da década de 60, com o apoio do Estado, difundiu-se o modelo da Revolução Verde no Brasil, mas foi a partir da década de 70, que se intensificou a modernização tecnológica na agricultura.

No Brasil, a Revolução Verde foi um fator importante para aumentar a desigualdade social no meio agrícola, cujos reflexos também alcançaram o urbano. Os agricultores que tinham mais recursos, principalmente terra e capital, inseriram-se no novo padrão tecnológico. A modernização não foi homogênea e sim seletiva, privilegiou regiões, produtos e categorias de produtores. Neste contexto, a maior parte dos produtores foi marginalizada ou excluída. Assim, aqueles que não tinham condições financeiras para adquirir as novas tecnologias, tiveram muitas vezes de abandonar suas terras e tentar uma nova vida, nem sempre com sucesso.

ALTIERI (1998) ressalta que vários problemas e impasses começaram gradualmente a ganhar forma, indicando crescentes dificuldades de manutenção deste padrão produtivo, principalmente com o aparecimento de limites relacionados a sustentabilidade econômica e ambiental, além de problemas sociais. A partir destes problemas, a agricultura incorporou o termo desenvolvimento sustentável, iniciando a busca de formas de exploração sustentável. Mas PASCHOAL (1995) adverte que a agricultura convencional não pode ser um modelo de agricultura sustentável e que esta só pode estar relacionada com o uso racional dos recursos naturais.

É importante esclarecer que, de acordo com os dicionários de língua portuguesa, convencional significa aquilo que é consagrado pelo tempo, aquilo que é a tradição logo, torna-se incorreto utilizar o termo agricultura convencional como sinônimo de agricultura praticada na Revolução Verde, embora na literatura especializada estes dois termos são encontrados como sinônimos. O termo mais correto para agricultura desenvolvida pela Revolução Verde é agricultura tecnológica ou agricultura moderna assentada na tecnologia e quimificação.

Na operacionalização do conceito de agricultura sustentável, surgem tipos de agricultura alternativa, cujas práticas agrícolas para EHLERS (1996), podem ser divididas em quatro grandes vertentes: a biodinâmica, a orgânica, a biológica e a natural. Estas vertentes, apresentam variantes ou denominações tais como: permancultura, agricultura ecológica, agricultura ecologicamente apropriada, agricultura regenerativa ou, ainda, agroecologia.

Agroecologia também chamada de agricultura orgânica, é um método que visa, proteger o meio ambiente, dar retorno econômico aos agricultores, manter a equidade social e fornecer alimentos saudáveis aos consumidores.

ALTIERI (1998) salienta que restaurar a saúde ecológica não é o único objetivo da agroecologia e que a sustentabilidade (que é a idéia central da agroecologia) só é possível com a preservação da diversidade cultural que nutre as agriculturas locais. Neste ponto, o conhecimento do agricultor familiar sobre os ecossistemas se torna muito valioso, pois pode resultar em estratégias produtivas de uso da terra que criam, dentro de alguns limites, a auto-suficiência alimentar das comunidades em determinadas regiões.

É oportuno salientar que as expressões agricultura tradicional ou sistema agrícola tradicional, incorporam as experiências acumuladas dos agricultores interagindo com o meio ambiente sem a utilização de insumos químicos. Utilizando a autoconfiança criativa, o conhecimento acumulado e os recursos locais disponíveis, os agricultores tradicionais desenvolviam sistemas agrícolas sustentáveis, nos moldes que se entende hoje como agroecologia.

LAGES (1998) coloca que a agricultura familiar dentro do acentuado processo de industrialização e urbanização, sofreu por muito tempo uma perda de sua identidade e seu trabalho foi pouco valorizado. No momento em que se começa a trabalhar a agricultura com um pensamento mais ambientalista, apesar de grande parte da agricultura brasileira estar subordinada à indústria, nos moldes convencionais, a agricultura familiar volta a ser uma atividade mais valorizada, pois além de cumprir o seu papel econômico também tem um papel ambiental.

Pode-se concordar com WEID (1997:07), quando diz: que *“um modelo sustentável deverá estar baseado no emprego da agroecologia e na agricultura familiar e que existe uma relação biunívoca entre uma e outra”*, mas coloca que vários fatores (entre eles o econômico) interferem neste modelo e podem ou não contribuir para a sua sustentabilidade.

## **2. O município de Praia Grande**

O Município de Praia Grande está localizado no extremo sul catarinense, na microrregião que tem este mesmo nome. A área territorial de 295km<sup>2</sup>, e tem como limites ao norte os municípios de Jacinto Machado e Santa Rosa do Sul; ao sul o rio Mampituba e o Estado do Rio Grande do Sul; a leste o município de São João do Sul e o Estado do Rio Grande do Sul e, a oeste, além deste, os contrafortes da Serra Geral.

Praia Grande abrange juntamente com o município de Cambará do Sul – RS, o Parque Nacional de Aparados da Serra, criado em 1959 pelo Governo Federal.

A maior parte da área agrícola do município, encontra-se situada na várzea onde o solo (terra roxa) apresentam aptidão para culturas de ciclo curto, possibilitando emprego de tecnologia. Neste patamar o cultivo principal é o arroz irrigado.

Nas encostas, o relevo impõe limites ao uso de tecnologia e nestas áreas o principal cultivo é a banana.

A área em questão é drenada pelo Rio Mampituba e afluentes da margem esquerda os rios Canoas, Pavão, Mata Cara ou Macaco, Três Irmãos, Cachoeira e Leão. Os mananciais do Rio Pavão e Mampituba são utilizados para abastecimento público (CASAN). Os rios e suas nascentes, na sua maioria, ainda apresentam a proteção de matas ciliares, que são preservadas pelos moradores. A agricultura do local não enfrenta escassez de água a qual é canalizada pelos produtores para irrigar as lavouras.

A região do extremo sul catarinense, onde se localiza Praia Grande apresenta clima subtropical úmido com verão quente. A precipitação total anual varia de 1500 a



1900mm. A temperatura no verão (janeiro) alcança a média de 24°C e, a do inverno (julho) oscila entre 12°C a 14°C (GAPLAN, 1986).

Estas características do clima regional possibilitam o desenvolvimento de diversos cultivos, destacando-se a fruticultura de clima temperado como pêssago, ameixa, e a de clima tropical como maracujá, banana e abacaxi. Também se adaptam a este tipo de clima praticamente todos os cultivos de ciclo curto (trigo, milho, soja, feijão, fumo, mandioca e arroz). Estas atividades são exploradas em pequenas propriedades (com área de até 50 há) com mão-de-obra familiar.

### **3. O produtor familiar em Praia Grande e a agroecologia: práticas e comercialização.**

Conforme já referido, o município de Praia Grande também sofreu os efeitos negativos da modernização agrícola e alguns produtores familiares, insatisfeitos com aquele padrão, optaram pela agroecologia como modelo alternativo de produção.

No início dos anos 90, sob a liderança dos extensionistas Maria Bernadete Perius e Rogério Dal Pont (agrônomo), ambos vinculados a Empresa de Pesquisa Agropecuária – EPAGRI, teve início o trabalho agroecológico na área, sendo importante ressaltar que os dois extensionistas desempenharam papel fundamental na difusão do modelo agroecológico de produção.

Muitos dos agricultores que integram o grupo de produtores agroecológicos de Praia Grande foram convidados a ingressar na atividade pela extencionista M.B.P. Outros começaram a participar à convite de colegas que iniciaram um pouco antes e outros conheceram a proposta através da Igreja. A decisão de mudar as técnicas de produção, na maioria dos casos, foi tomada pelo núcleo familiar.

Estes agricultores constituíram em 04/11/1994 a ACEVAM – Associação dos Colonos Ecologistas do Vale do Mampituba que, de acordo com o CENTRO VIANEI (1996:23), *“surgiu para ser um espaço de articulação e organização dos produtores ecológicos do município de Praia Grande, no extremo sul de Santa Catarina”*.

O Grupo iniciou com aproximadamente vinte famílias e hoje encontra-se reduzido à oito. Alguns agricultores apontam como causa da desistência de vários colegas, principalmente a enchente ocorrida no Natal de 1995 e que praticamente destruiu toda a produção agrícola local. Segundo relatos, no momento em que solicitaram ajuda para recuperação dos estragos, só havia financiamento para “agricultura moderna”. Como muitos não tinham outra fonte de renda e nem a quem recorrer, a alternativa foi retornar à produção agrícola convencional. Outros atribuíram como causa para desistência, a dificuldade dos produtores em trabalhar com as técnicas agroecológicas.

Atualmente a ACEVAM recebe apoio da EPAGRI (M.B.P e R.D.P), do Centro Ecológico que é uma organização não governamental com sede em Ipê, município do Rio Grande do Sul, com quem troca informações e da UNESC (Universidade Federal do Extremo Sul Catarinense).

A situação da ACEVAM hoje é crítica, e o seu principal problema é a falta de recursos financeiros. O número reduzido de agricultores no Grupo também deve repercutir na questão financeira. Além disso, segundo alguns entrevistados, muitos agricultores, que tinham algum recurso saíram do grupo quando perceberam que o processo agroecológico não daria de início um retorno econômico rápido como a agricultura convencional. Dessa forma, “só ficou o pessoal mais fraco, descapitalizado”. A descapitalização gerou desânimo, e isto em parte também explica o porque das desistências.

É importante esclarecer, que no município de Praia Grande, a descapitalização não foi consequência da produção convencional. Constatou-se nas entrevistas, que algumas famílias não possuíam recursos financeiros para investir na agricultura e, por isso, foram marginalizados da modernização tecnológica. No processo, muitas famílias saíram do campo e foram trabalhar na área urbana em centros maiores ou no meio rural em outros estados da federação.

Aos problemas sociais gerados pela modernização tecnológica da agricultura, se agregou outros relacionados a saúde da população que manuseia os insumos

químicos e a que consome os produtos agropecuários. Mesmo assim, o principal fator que levou os produtores da Praia Grande e de outras regiões do país, adotar as práticas agroecológicas foi a possibilidade de melhorar a renda.

Os agricultores, manifestam opiniões sobre os motivos que fizeram com que ACEVAM não progredisse tanto quanto o esperado, O primeiro, já comentado, é a falta de dinheiro, sendo que os outros citados são: falta de organização; um pouco de “afobação” no início dos trabalhos; distância geográfica dos centros urbanos, falta de apoio público e radicalismo inicial da própria ACEVAM que não permitia, que seus associados mantivessem um plantio convencional para obter renda enquanto trabalhavam a agroecologia e, por fim, também se apontou o clima como fator negativo à produção.

A ACEVAM tem uma importância muito grande para os agricultores associados contribuindo para o desenvolvimento das atividades nas propriedades através da troca de informações e de técnicas (produtores e técnicos) no qual se discutem problemas relacionados ao plantio, desenvolvimento dos cultivos e comercialização dos produtos. Os agricultores também colocam que após a constituição da ACEVAM, aumentou a conscientização da população para conservar o meio ambiente, o trabalho agroecológico passou a ser mais valorizado e respeitado e houve um aumento do consumo de produtos agroecológicos comercializados na feiras e nas propriedades.

Como fator principal para a mudança de técnicas, os produtores ressaltaram a disposição de não utilizar mais “veneno” na agricultura pelo fato de acharem errado colocar produtos químicos em algo que será consumido, associando a questão da saúde com o uso de agrotóxicos. A partir destas respostas, tentou-se apreender o significado da agroecologia para os produtores familiares associando com a concepção de vida. Os produtores foram unânimes em dizer que a agroecologia representa a preservação do meio ambiente e o não uso de insumos químicos (principalmente agrotóxicos). Os agricultores entendem que a agricultura é uma atividade econômica que depende diretamente dos recursos do meio ambiente, e

demonstram uma notável preocupação em utilizar a natureza respeitando-a e entendendo-a como parte fundamental na vida dos seres vivos. Para alguns produtores a agroecologia é uma forma diferente de se viver, pois há também mais união entre os membros da família.

Para os agricultores da ACEVAM, a agroecologia não representa só uma atividade que visa lucro ou renda para as famílias. Embora o retorno econômico seja importante, as novas práticas agrícolas lhes possibilitam viver e visualizar a vida de maneira diferente, valorizando mais a natureza e o ser humano. Os agricultores incorporam a agroecologia, sendo que ela é ao mesmo tempo um meio e um modo de vida.

Embora os produtores agroecológicos de Praia Grande estejam aparentemente conscientes dos malefícios do padrão agrícola convencional, por dificuldades financeiras a agroecologia não é a única atividade agrícola de alguns produtores e isto contradiz com o discurso dos agricultores. A maior parte ( 6 ) dos entrevistados utilizam práticas agropecuárias convencionais geralmente relacionadas à criação de animais: porcos, gado de leite e frangos para consumo próprio, sendo que um deles possui um aviário no sistema convencional para suprimento de mercado. Na lavoura também ocorre o cultivo convencional para subsistência de produtos como feijão, arroz e milho (este último é usado como alimento para o gado).

Os agricultores garantem que as lavouras convencionais ficam distantes o suficiente para que não ocorra interferência, e acreditam que a única forma de contaminação seria pelo vento dependendo da direção em que sopra. Alguns agricultores não utilizam terras de sua propriedade para explorar com cultivos no sistema convencional e arrendam terras para esta prática.

Na produção agroecológica em Praia Grande são explorados dois tipos de cultivos: oleícolas e frutíferas e, eles tem como finalidades subsistência e o comércio.

Para desenvolver a produção, todos os produtores compram sementes (não agroecológicas) e esterco dos aviários do município de Araranguá para adubação. Ao comentar sobre o uso de sementes e mudas PASCHOAL (1994) enfatiza, que os órgãos fiscalizadores da agricultura ecológica recomendam que elas devam ser produzidas organicamente no próprio local, ou proceder de propriedades ou viveiros orgânicos certificados. As sementes e mudas não devem ter sido tratadas com agrotóxicos. Em Praia Grande não se faz fiscalização quanto ao tipo de sementes utilizadas, mesmo porque não existem sementes agroecológicas na região.

Existe a idéia no grupo de que, no futuro, um dos integrantes se especialize na produção de sementes ecológicas, pois os agricultores têm consciência que as sementes utilizadas não são as recomendadas para a obtenção de produtos considerados agroecológicos.

Além do esterco e das semente, alguns agricultores ainda compram cal, cobertura de canteiro, sal amargo, DIPEL (defensivo biológico para a lagarta), adubação verde, calcário, sulfato de cobre. O calcário é utilizado para a correção da acidez do solo. A cal, o sulfato de cobre e o sal amargo são empregados para fabricação de defensivos biológicos, como por exemplo, a calda bordalesa que tem ação de fungicida no combate às pragas.

Como na maioria das famílias os filhos ainda são pequenos, o trabalho na produção é realizado pelo casal. Não existe divisão das tarefas agrícolas. As mulheres além de ajudar os maridos na lavoura, também são responsáveis pelos afazeres domésticos e algumas também industrializam artesanalmente compotas e doces. Em épocas em que exigem mais mão-de-obra, é prática comum entre os produtores da ACEVAM recorrer a “troca de favores” entre eles e, também com seus familiares. Em algumas famílias o trabalho assalariado de algum membro fora da propriedade, geralmente serve de complemento e renda necessária para suprir as necessidades básicas do grupo familiar.

Algumas práticas são fundamentais para a produção agroecológica e devem ser seguidas; uma delas é que a área agroecológica deve ficar distante de fontes

poluidoras. Os agricultores afirmaram, que as áreas agroecológicas não eram anteriormente exploradas com agricultura convencional (eram ocupadas por pastagens ou culturas de subsistência onde não se utilizavam insumos químicos). Entretanto, pela proximidade das atividades agropecuárias que se desenvolvem com insumos químicos, pode-se inferir, mesmo sem ter sido realizado algum tipo de análise (solo, água) para comprovação, que as áreas usadas com agroecologia podem não atender o padrão recomendado.

Também é muito importante preservar áreas com mata nativa. Todos os entrevistados consideram importante preservar a vegetação para manter o equilíbrio biológico da natureza, e somente um não possui em sua propriedade uma área de mata natural, pois quando adquiriu a terra, já não havia mata.

A irrigação das lavouras devem ser realizadas com águas de fontes não contaminadas, tanto de superfície como subterrâneas. Os produtores afirmaram, que a água usada não é contaminada, entretanto, não mencionaram a ocorrência de inspeções para análise da qualidade da água.

Para a agroecologia também são recomendadas técnicas tais como plantio em curva de nível e com faixas de retenção, cobertura morta e/ou viva sobre solo para evitar sua exposição prolongadas ao sol e a chuva, rotações e/ou consórcio de culturas, policulturas, tração animal, adubações orgânicas e verde. Estas técnicas são utilizadas pelos produtores agroecológicos de Praia Grande, de acordo com as especificidades de cada propriedade.

Associando as técnicas agroecológicas recomendadas e as práticas dos produtores entrevistados, percebe-se o quanto já conseguiram avançar em relação as técnicas alternativas. Contudo, as dificuldades financeiras, a falta de apoio e de informações corretas sobre agroecologia são fatores limitantes ao avanço daquela prática e ao desenvolvimento sustentável da agricultura familiar.

Quando inquiridos sobre financiamento, os produtores revelaram claramente as dificuldades. O único financiamento conseguido pela ACEVAM foi obtido no BESC, para a compra de uma Kombi que faz o transporte dos produtos das

propriedades até o local da comercialização. No plano individual, somente um conseguiu financiamento do PRONAF.

A dificuldade em obter financiamento é consequência da própria descapitalização do produtor familiar, pois é necessário uma renda mínima para obter crédito. Isto acaba gerando um círculo sem saída, pois sem capital não há financiamento e, sem este, não é possível melhorar a produção e aumentar as vendas.

Quanto à comercialização, em 1994 teve início em Praia Grande, a feira ecológica dos associados da ACEVAM. Posteriormente, eles tentaram conquistar espaços de comercialização nas feiras de produtos agrícolas convencionais, em cidades próximas como Criciúma, Sombrio e Araranguá, mas enfrentaram dois obstáculos: a pouca variedade e pequeno volume de produtos, e a rivalidade dos concorrentes feirantes de produtos agrícolas convencionais. Também já tentaram vender os produtos em supermercados, o que também não foi economicamente viável devido às normas impostas pelos supermercados. A soma destes fatores fizeram com que os produtores de Praia Grande, desistissem daqueles espaços de comercialização, permanecendo somente no mercado local, onde a feira não é realizada de forma regular, os produtos também são vendidos nas propriedades.

Os produtos são comercializados “in natura” ou industrializados artesanalmente tipo “fundo de quintal” como: suco de maracujá, doces em pasta (figo, pêssego, banana), compotas (figo, pêssego, pepino, brócolis, beterraba), pão e bolo integrais, granola, molho de tomate, sabonete, shampoo sem conservantes e ervas medicinais.

A ACEVAM tem projeto para instalar uma agroindústria rural legalizada objetivando obter produtos de qualidade e preços competitivos no mercado. Com a agroindústria a ACEVAM poderá enfrentar problemas com a quantidade de matéria prima. A maior parte dos produtos agroecológicos não possuem recursos para aumentar a produção e a indústria para ser economicamente viável, requer uma

quantidade maior de matéria prima. Além disso, em determinados períodos (entresafra) ela tendencialmente deverá ser desativada.

Outro projeto que estava em andamento e que se concretizou no final do ano de 2000 é a cooperativa de consumidores, pois a feira já não estava dando o retorno esperado porque a “quebra” era grande. Com o funcionamento da cooperativa, torna-se importante a participação de outras associações junto com a ACEVAM, possibilitando a diversificação dos produtos contribuindo para aumentar as vendas.

O mercado se organiza a partir da produção, a falta de infra-estrutura, de planejamento da produção, de organização de Grupo e as dificuldades financeiras dos produtores refletem negativamente nos resultados da produção e na comercialização dos produtos agroecológicos de Praia Grande, podendo comprometer a permanência e manutenção da ACEVAM.

#### **4. Considerações finais**

Os conceitos de agroecologia e desenvolvimento sustentável são complexos existindo divergências entre os estudiosos. Se não há consenso quanto aos aspectos teóricos conceituais isto, conseqüentemente se reflete nas práticas.

A agroecologia apoia-se em práticas naturais complexas que não sejam agressoras à natureza combinando recursos necessários à produção agrícola. Além de responder aos anseios da sociedade, ela deve significar um modo de vida, em que exista respeito e harmonia com a natureza e homens entre si.

A palavra sustentabilidade lembra sustento, suporte Isto quer dizer, que para uma atividade ser considerada sustentável, torna-se importante que todos os recursos necessários a sua prática possam ser obtidos na própria área.

Pode-se concluir que a produção agroecológica de Praia Grande não vem apresentando sustentabilidade do ponto de vista cultural, social, econômico e ambiental.



Percebe-se que o papel dos extensionistas rurais na introdução e no desenvolvimento das práticas agroecológicas no município foi e continua sendo muito grande. Entre os associados da ACEVAM, formou-se uma consciência de preservação ambiental, a qual vem se propagando na população do município. Entretanto, não se pode por isso, afirmar que existe sustentabilidade cultural a qual só é possível com a preservação da diversidade cultural que nutre a agricultura local. Neste sentido, ainda há poucos ( 08 ) produtores envolvidos com a nova prática e também porque nem sempre o que usam no processo de produção é legado de seus antepassados.

A nível ambiental, também não se pode considerar a agroecologia sustentável apesar das várias práticas adotadas. Pontos importantes devem ser destacados como a proximidade das áreas agroecológicas com as atividades agropecuárias convencionais, a não comprovação da pureza da água utilizada nas lavouras e a compra de sementes e de esterco dos aviários convencionais da região ( o que não está de acordo com o que se espera de uma sustentabilidade ambiental).

É importante lembrar que estes fatores mencionados não ocorrem só no município de Praia Grande, mas devem ser práticas adotadas por outros produtores agroecológicos da região ou do país.

Em Praia Grande a agroecologia também não é sustentável a nível econômico, tendo em vista as dificuldades financeiras dos produtores, que se refletem diretamente na produção e na comercialização dos produtos. A renda insuficiente repercute no plano social o qual também é insustentável.

As dificuldades enfrentadas pelos associados da ACEVAM para comercializar a produção indicam que o segmento necessita do apoio das ONGs e do Estado, não só financeiro, mas também no plano técnico, gerencial e na organização do mercado. Só com isso, a agroecologia poderá se tornar uma importante fonte de renda para a economia local, dando sustentação econômica, social, ambiental e cultural para a produção familiar.

As dificuldades e os desafios enfrentados pelos produtores familiares inseridos na agroecologia em Praia Grande indica que o Estado representado pelo poder público nas várias esferas, juntamente com as ONGs, devem acompanhar e apoiar com diversos mecanismos as iniciativas e as demandas das comunidades locais. Este acompanhamento é importante também para o trabalho de conscientização que o Grupo ACEVAM desenvolve perante eles mesmos e a comunidade, o que pode se tornar um dos degraus para alcançar a sustentabilidade. É importante ressaltar que a sustentabilidade é um processo complexo e, por isso mesmo, não pode ser alcançado a curto prazo.

Por fim, é importante ressaltar que a produção familiar desempenha papel fundamental na economia, na geração de trabalho e no abastecimento alimentar do Brasil, e que torna-se fundamental o seu fortalecimento. No caso específico dos associados da ACEVAM, sua permanência enquanto grupo só será assegurada se forem adotadas medidas para aprimorar as condições de produção e comercialização capazes de promover o desenvolvimento sustentável, questão desejável para a economia local, regional e nacional. Caso contrário, terá continuidade a exclusão social.

## **5. Referências Bibliográficas**

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia. A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura Sustentável: Origens e Perspectivas de um Novo paradigma**. São Paulo: Livro da Terra, 1996.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Geografia política e desenvolvimento sustentável. **Terra Livre** – AGB. n.11-12, p.9-76, 1992-93.

LAGES, Vinícius Nobre. Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável: questões para o Debate. In: **XIV ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**. Anais, v.2, Presidente Prudente (SP), 1998. p.31-44.

MOREIRA, Josane. **Avaliação da frequência de micronúcleos em roedores coletados na região de Santa Rosa – Forquilha – SC**. Florianópolis, 1993. 50p. (Monografia de Especialização em Biologia do Desenvolvimento), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

PASCHOAL, Adilson D. Modelos Sustentáveis de Agricultura. **Agricultura Sustentável**. Jaguariúna: EMBRAPA, n.2,p. 11-16, Jan/Jun, 1995.

PASCHOAL, Adilson D. **Produção orgânica de alimentos: agricultura sustentável para os séculos XX e XXI**. Piracicaba (SP): Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, USP, 1994.

REVISTA AGROECOLOGIA EM SANTA CATARINA. Lages (SC): Centro Vianei de Educação Popular, n.1, Out 1996.

RODRIGUES, A . M. Espaço, meio ambiente e desenvolvimento: releituras do território. **Terra Livre** – AGB\_ n.\_11-12, p. 77-90, 1992-1993.

SANTA CATARINA. GABINETE DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL. SUBCHEFIA DE ESTATÍSTICA, GEOGRAFIA E INFORMÁTICA. **Atlas de Santa Catarina**. Aero-foto Cruzeiro, tab.gráf.col, Rio da Janeiro, 1986.

SANTA CATARINA. SECRETARIA DE ESTADO DE COORDENAÇÃO GERAL E PLANEJAMENTO, SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E

DO TURISMO, CENTRO DE APOIO A PEQUENA E MÉDIA EMPRESA DE SANTA CATARINA. **Diagnóstico Municipal de Praia Grande**. Florianópolis, 1990.

WEID, Jean, Marc von der. Entrevista. **Revista Agricultura Sustentável**, n.1-2, p.5-10, Jan/Dez, 1997.